



Papel do jornalista: a prática do jornalismo na revista Ocas”¹

Verônica Maria Alves Lima²

Resumo

A revista Ocas”, publicação que se presta a uma ação social de apoio à população em situação de rua, é produzida a partir da ação de jornalistas colaboradores que, sem remuneração, se dividem entre o trabalho voluntário e o ofício em outros veículos. Este trabalho traz reflexões acerca das motivações desses profissionais, bem como o caráter do trabalho realizado e a relação deste com as configurações da própria revista Ocas”.

Palavras-chave

Prática jornalística, revistas Ocas”, jornalismo cidadão

Corpo do trabalho

O ponto de partida deste trabalho é a revista Ocas”, publicação que surgiu em julho de 2002, a partir da ideia do publicitário Luciano Rocco, que se viu instigado pelo formato da revista londrina “The Big Issue”. Tal publicação contribuía para a melhoria das condições de vida de pessoas em situação de rua, e Rocco fixou a ideia de tentar articular uma publicação semelhante no Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, o jornalista e fotógrafo Alderon Costa, juntamente com os outros editores do jornal “O Trecheiro”, que circulava em São Paulo, eram contatados por representantes da publicação “Terre di Mezzo”, que circulava na Itália com o mesmo caráter da londrina “The Big Issue”, a fim de apoiarem a implantação de uma revista que pudesse ser vendida pela população em situação de rua.

Os dois grupos, carioca e paulistano, tiveram o primeiro contato em outubro de 1999³ por mediação da International Network of Street Papers (INSP), organização que

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação para a Cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da FAAC, Unesp-Bauru. E-mail: veronica.alveslima@gmail.com

³ Nesse mesmo ano, surgia em Porto Alegre o jornal Boca de Rua, vendido por pessoas em situação de rua, com o mesmo caráter da Ocas”. O Boca de Rua não foi abordado neste texto por uma escolha de otimização de trabalho, no que diz respeito ao contato com a publicação e seus colaboradores. Além disso, a não abordagem específica do Boca de Rua, publicação anterior à Ocas”, não prejudica a reflexão aqui realizada.



congrega e apoia publicações de todo o mundo que têm como objetivo principal o auxílio à população de rua⁴. A existência da revista Ocas” começou a se tornar realidade a partir desse contato, que culminou na publicação da revista em 2002: no dia 6 de julho em São Paulo, e em 8 de julho no Rio de Janeiro.

A revista é produzida a partir do trabalho de jornalistas e outros profissionais colaboradores, ou seja, ninguém que participa do processo de produção do periódico recebe remuneração. Essa é a questão-chave a ser discutida neste trabalho: a não-remuneração dos produtores do conteúdo do periódico parece estar estritamente relacionada com o projeto OCAS – Organização Civil de Ação Social, que além de publicar a revista, ainda desenvolve atividades e projetos para a população em situação de rua, buscando a reinserção dessas pessoas na comunidade em que vivem.

A hipótese principal deste trabalho é a de que os jornalistas que colaboram com a revista Ocas” buscam uma forma de ‘significação paralela’ de sua prática como jornalistas, tendo em vista o impacto social requerido pela organização e pela publicação, bem como o contato com uma parcela da população marginalizada pela comunidade, sobretudo dos grandes centros onde circula a revista – São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Ciro Marcondes Filho (2002), o século 20 inaugura uma nova fase no jornalismo, que teria sido descaracterizado, sobretudo no final do século, pela inauguração de novas formas de comunicação com o desenvolvimento das indústrias publicitária e de relações públicas. O denominado “terceiro jornalismo” seria

“o processo de desintegração da atividade, seu enfraquecimento, sua substituição por processos menos engajados (que já não buscam a “verdade”, que já não questionam a política ou os políticos, que já não apostam numa evolução para uma “sociedade mais humana”)” (MARCONDES FILHO, 2002)

O autor completa que esse processo seria um sintoma da mudança dos tempos, pontuado pelo fim da modernidade e esvaziamento político. Nesse contexto, o surgimento de uma revista com o projeto da Ocas”, que gera renda para moradores de rua que dificilmente encontrariam formas de voltar a uma posição aceita na sociedade, toma significativa importância social.

⁴ Segundo o site da organização (www.street-papers.org), a INSP reúne cerca de 100 publicações, em 40 países, além de dar suporte a novas publicações em desenvolvimento. Como descrição do papel da organização, o site traz: “*Through the network, street paper members receive advice, training, consultancy and access to funding, and benefit from sharing resources, experiences and mentoring.*”



Nesse sentido, é estabelecida uma relação de interdependência entre os vendedores de Ocas” e os jornalistas. E no interior dessa relação, a dependência que jornalistas adquirem tem um caráter diferenciado da relação que os vendedores têm com a publicação. Na medida em que a Ocas” é uma perspectiva de mudança na vida já repleta de problemas da população em situação de rua, a dependência dos jornalistas é de ordem prática, no sentido em que, ao se dividir com outras funções remuneradas, os jornalistas buscam encontrar no trabalho na publicação uma forma de retomar o ‘papel social’ da sua profissão, diluído em novas configurações sociais, numa nova fase do jornalismo, conforme mostra *Ciro Marcondes Filho (2002)*.

O papel social do jornalismo é tema recorrente a ser discutido e requerido pelos profissionais da área, e caminha junto com a consolidação da atividade. *Cremilda Medina*, ao discutir a relação entre a profissão de jornalista e a responsabilidade no início da década de 80, define o papel da profissão: “sua função é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias” (*MEDINA, 1982, p.22*).

A revista Ocas” tem por função justamente diminuir o abismo que separa o mundo dos seus vendedores, dos seus possíveis leitores e, de forma similar, de seus produtores. A publicação atua justamente em uma questão cara ao jornalista e à profissão como um todo, que é a ação social da prática jornalística: seus reflexos, seus efeitos na sociedade e no próprio conteúdo produzido.

Quando se trata, então, de um tema polêmico como a marginalização de pessoas em grandes centros, e a falta de perspectivas para essa parcela da população, a discussão da função social do papel do jornalista fica ainda mais delicado. Já na década de 80, a escritora *Cremilda Medina* discutia as falhas na formação dos jornalistas, constatação que se relaciona com a própria discussão da profissão: “A questão da incomunicação e da marginalidade, a questão da dominação cultural e da alienação da realidade têm de ser remetidas, urgentemente, a estas falhas do raciocínio teórico, hoje matriz indissociável da formação de profissionais na universidade” (*MEDINA, 1982, p.107*).

A autora traz à tona da falta de acesso de parte da parcela das comunidades à informação produzida pelos jornalistas em geral. Além disso, a eficiência dessa informação também é questionável, o que, segundo a autora, revelaria um despreparo do jornalista não apenas para as técnicas que norteiam o mercado de trabalho, mas também



para uma visão crítica sobre a realidade. O que dificultaria o desenvolvimento de uma sensibilidade para entender desigualdades, e como tais desigualdades se inserem nos jogos sociais cotidianos.

Ou seja, para além da falta de traquejo com as técnicas, códigos e jogos do ‘verdadeiro’ mercado de trabalho, o jornalista recém chegado ao ambiente profissional ainda sentiria as lacunas da sua formação acadêmica pouco estimulada para a reflexão de problemas sociais e a relação destes com a prática jornalística ou com a comunicação de um modo geral.

O espaço da revista Ocas” permite aos jornalistas colaboradores abordarem os mais variados temas relacionados a problemas e situações sociais, de uma perspectiva que se pretende isenta de interesses econômicos e de fins lucrativos. As pautas são decididas por seus colaboradores fixos e também por colaboradores eventuais, que tem liberdade de sugerir temas e reportagens para compor as edições.

Atualmente, a editora-chefe da revista é a jornalista Denise Rocha, que se divide entre o exercício profissional em outros veículos, como a Folha de São Paulo, e o trabalho voluntário na revista. Assim também outros colaboradores se dividem entre mercado de trabalho e voluntariado, que muitas vezes não inclui apenas a produção de matérias, mas também o contato com moradores de rua, algumas vezes na abordagem inicial de possíveis vendedores, colaboradores, enfim, na divulgação e promoção do projeto Ocas” em geral.

O fato de os colaboradores realizarem tal trabalho voluntariamente, levando em consideração o impacto social (requerido ou conseguido) pelo projeto OCAS, se liga estritamente ao que poderíamos chamar de cidadania almejada pelos jornalistas envolvidos no plano da revista Ocas”. Conforme lembra Venício A. de Lima, em texto referencial para uma palestra proferida em 2006, que

“a comunicação perpassa todas as três dimensões da cidadania, constituindo-se, ao mesmo tempo, em direito civil – liberdade individual de expressão; em direito político – através do direito à comunicação, que vai além do direito de ser informado; e em direito social – através do direito a uma política pública democrática de comunicação que assegure pluralidade e diversidade na representação de idéias e opiniões” (LIMA, 2006, p. 11)

Ora, o papel do jornalista no contexto comunicacional também deveria servir para garantir a cidadania e os direitos intrínsecos a ela. Mas, nem sempre esse papel é



prioridade na prática diária dos meios de comunicação. Mesmo com o recrudescimento dos efeitos das desigualdades sociais, que com o passar do tempo tem atingido índices nunca vistos, o jornalismo não se prestou à reflexão de fenômenos sociais. Não era outro o seu objetivo senão o lucro com as vendas de informações produzidas em escala industrial, cujo consumo diário se baseia no “fato imediato de significação primariamente emocional”, conforme levanta a autora Cremilda Medina (1988, p.72).

Com a sobreposição do consumo a um modelo mais reflexivo do jornalismo, e com a tardia discussão da relação entre cidadania e prática jornalística no Brasil, conforme aponta Venício de Lima (2006), a existência de um espaço como o da revista *Ocas* se firma como uma alternativa de realização do ‘papel social’ dos jornalistas. Isso porque, na referida publicação, temas, personagens, angulação das matérias, e a própria razão de ser da revista são pensadas a partir de uma lógica que pretende fugir das motivações comuns aos tradicionais meios de comunicação, de onde vêm grande parte de seus colaboradores.

Ao discutir os elementos que estruturam a mensagem jornalística, a autora Cremilda Medina (1988) elucida a lógica em que os jornalistas têm de se inserir e se adaptar, conforme os interesses e objetivos dos veículos de comunicação:

“Nota-se especialmente na formulação dos textos, nos apelos visuais e lingüísticos, na seleção das fotos, a preocupação em corresponder a “um gosto médio” ou, em outros termos, em embalar a informação com ingredientes certos de consumo. Não só a formulação está relacionada com a *angulação-massa*, o próprio conteúdo – dados significativos de realidade que passam para a representação – recebe essa influência” (p. 75, grifos do autor)

E a relação dessa lógica de consumo, que permeia de forma significativa a produção jornalística no Brasil há anos, está diretamente relacionada às arbitrariedades que se caracterizam como desrespeito aos direitos dos cidadãos, recorrentes em meios de comunicação, conforme observa a crítica Venício de Lima (2006).

Outra lógica, dentro da mesma lógica

Ao requererem uma outra lógica, os jornalistas buscam, em última instância, redefinirem a sua própria identidade diante da sociedade, de seus problemas e configurações. Segundo Canclini (2006), “uma teoria das identidades e da cidadania



deve levar em conta os modos diversos com que essas se recompõem nos desiguais circuitos de produção, comunicação e apropriação da cultura” (p. 137). Tal reflexão do autor vem acompanhada da ideia de que a identidade é uma co-produção, ou seja, “a identidade é uma construção, mas o relato artístico, folclórico e comunicacional que a constitui se realiza e se transforma em relação a condições sócio-históricas não redutíveis à encenação” (CANCLINI, 2006, p. 138).

No caso da identidade do jornalismo brasileiro, a condição estabelecida pelas lógicas dos grandes veículos de comunicação exerce influência até na busca por uma outra perspectiva, diferente da prática do dia-a-dia. Como o caso discutido neste trabalho, em que os jornalistas se utilizam de identidades que estão à margem da sociedade para se mostrar preocupados com o próprio papel do jornalismo no interior dessa sociedade. Ou seja, os jornalistas se utilizam de um discurso de preocupação social com a condição de determinados atores sociais, ou atores excluídos da dinâmica social cotidiana, para se preocuparem, afinal, com ideia que se tem da própria prática social jornalística.

Na busca por novas motivações para a prática profissional, os colaboradores da revista Ocas” buscam *acrescentar* novas características que sejam compartilhadas por um conjunto específico (e, no caso, numericamente pouco expressivo) de jornalistas, que não necessariamente negue a lógica dos meios de comunicação considerados “comerciais”, mas sim encontram uma ação que venha compor suas motivações pessoais. O que se pode interpretar, em última instância, como uma forma de amenizar a própria consciência profissional, ou a composição da identidade local do grupo “jornalistas” no contexto brasileiro.

Nesse sentido, o trabalho dos colaboradores da revista Ocas”, jornalistas ou não, assume não apenas uma importância social, com o trabalho realizado em benefício de uma parcela excluída da sociedade, e oferecendo perspectivas a esse grupo, mas também uma expressividade simbólica, sobretudo no que diz respeito a outros profissionais da comunicação que passam a reconhecer a prática voluntária. Esse processo fica claro quando se tem acesso ao blog da revista Ocas”⁵, onde são reproduzidas algumas matérias publicadas em outros veículos de comunicação, que classificam o trabalho do projeto OCAS até mesmo como responsabilidade social.

⁵ <http://blogdaocas.blogspot.com>. Os *posts* são feitos pelos próprios colaboradores da revista.



É importante ressaltar que a função mais ‘cidadã’ requerida pelos jornalistas que se tornam colaboradores da revista *Ocas*” é uma lógica implícita na prática em questão desses profissionais. Assim como também são muitas vezes implícitos os desvios éticos cotidianos nos veículos de comunicação, no que diz respeito, sobretudo, à garantia dos direitos dos cidadãos dentro de um regime democrático como o que temos no contexto brasileiro⁶. Em última análise, a mesma naturalidade com que os jornalistas deixam de observar os conceitos de cidadania como profissionais de grandes veículos de comunicação também rege a busca por uma prática mais humanizada no trabalho voluntário na revista *Ocas*”.

E essa naturalidade oferece pistas de que as condições em que se configura o voluntariado de jornalistas na publicação e no projeto OCAS como um todo não considera de forma significativa a importância da discussão do principal tema em questão, que é marginalidade de cidadãos, a sua causa, e os valores e práticas sociais envolvidos na complexa reflexão sobre o problema. Essa dualidade, neste caso revelada no fato de os jornalistas buscarem lidar com temas que os aproximariam de uma prática mais ‘engajada socialmente’ à revelia da prática diária em outros meios de comunicação, que ignoram a importância de um jornalismo ético e preocupado com sua atuação social cidadã, se aproxima da discussão feita por *Ciro Marcondes Filho* (2002) sobre o profissional jornalista. “Essa situação psicologicamente insana de viverem duas realidades opostas, uma sedutora mas traidora, outra decente mas sem futuro, os faz particularmente sensíveis aos múltiplos subornos de que são objetos” (2002, p. 135).

Não se pretende aqui estender a discussão para o interesse do público-alvo para um ou outro trabalho do jornalista – no caso aqui discutido, o trabalho em grandes veículos, ou na revista que traz a questão da marginalidade como ideia principal – mas sim entender as motivações e o papel requerido por esses profissionais ao se dedicar a dois veículos de naturezas díspares, mas que são encarados a partir de uma mesma lógica que, enfim, busca não redefinir o papel dos jornalistas no contexto social, mas sim acrescentar novas práticas que também sejam reconhecidas como comuns aos jornalistas, e remetam a uma ação simbólica destes profissionais.

⁶ A discussão sobre a falta de ética já incorporada no dia-a-dia de jornalistas, bem como sobre as garantias democráticas é bem apresentada por *Ciro Marcondes Filho* (2002) no capítulo “Cidadãos acima de qualquer suspeita” e no artigo de *Venício Lima* (2006)



Considerações finais

As reflexões aqui apresentadas acerca da motivação e do papel dos jornalistas colaboradores da revista Ocas” buscam elucidar um pouco mais a dinâmica do processo de produção de tal publicação, bem como a relação desse processo com o próprio tema da marginalização e história de pessoas em situação de rua. Na medida em que os jornalistas se propõem a se dedicar voluntariamente a uma publicação diferente do seu ofício diário, o questionamento sobre a prática do jornalismo em um e outro veículo de comunicação é passível de discussão, tendo em vista as condições atuais da prática jornalística, caracterizada, entre outras questões, pela pressão diária, pela velocidade e por priorizar o consumo de seus produtos.

Nesse sentido, ao instigar a observação mais aprofundada da dinâmica da revista Ocas”, este trabalho contribui para se pensar sobre o modelo de jornalismo desenvolvido em publicações com o objetivo de amenizar as precariedades das condições de moradores de rua. Para isso, buscamos na reflexão sobre a prática dos profissionais que contribuem voluntariamente para a existência da publicação marcas que revelem as relações intrínsecas a essa publicação.

Referências bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Representações, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, Miguel, GOMES, Renato C., FIGUEIREDO, Vera Lúcia F. de. (Orgs.) Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Aparecida (SP): Idéias & Letras, 2004.

<http://blogdaocas.blogspot.com>

LIMA, Venício A. de. **Comunicação, Poder e cidadania**. Rastros – Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação. Ano VII – nº 7, outubro de 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicação e jornalismo. **A saga dos cães perdidos**. 2ª ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação

XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de
setembro de 2009

_____. **Notícia: Um Produto à Venda.** Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2^a
ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

www.street-papers.org